

Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense



Instituto Estadual do Patrimônio Cultural
Secretaria de Estado de Cultura - RJ



denominação
Fazenda Pinheiros

código
AV-FO9-SJVRP

localização
Estrada dos Pinheiros 515 – Águas Claras

município
São José do Vale do Rio Preto – RJ

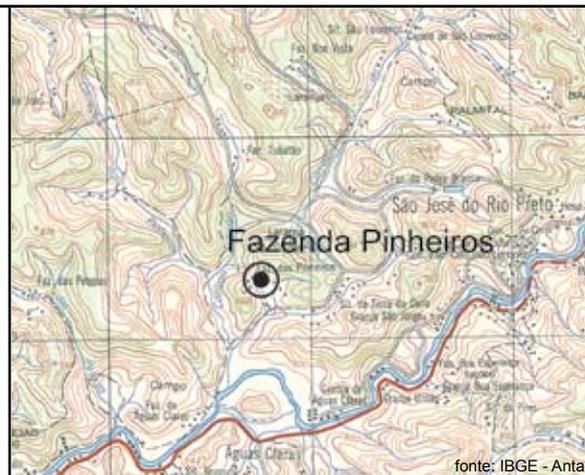
época de construção
século XIX (1865)

estado de conservação
detalhamento no corpo da ficha

uso atual / original
veraneio e aluguel para eventos / fazenda de café

proteção existente / proposta
nenhuma

proprietário
particular



fonte: IBGE - Anta



Fazenda Pinheiros, fachada principal

coordenador / data **Miriam Danowski e Eduardo Harguindeguy / jul 2009**
equipe **Miriam Danowski, Eduardo Harguindeguy**
histórico **Miriam Danowski e Eduardo Harguindeguy (a partir de texto de autoria de Jany de Oliveira Limongi, somado a informações do site da Prefeitura de São José do Rio Preto e do site do Instituto Histórico de Petrópolis)**

revisão
Coordenação técnica do projeto

A Fazenda Pinheiros, com cerca de 32 alqueires mineiros, fica na região acima do Rio Preto, nas proximidades da localidade de Águas Claras, junto à Serra do Tubarão. Para quem vem pela Estrada União-Indústria é preciso passar por Areal e depois seguir à direita, em direção a São José do Rio Preto.

A propriedade tem como confrontantes, segundo informações do seu administrador, as fazendas Águas Claras, Torrão de Ouro e Suinam.

A área frontal da fazenda é bem plana (f01 e f02) e pelas características de implantação do sítio é provável que tenha sido o local onde, no passado, ficavam os terreiros de secagem de café.

Ao se atravessar o portão de entrada, majestosas palmeiras imperiais de ambos os lados do caminho (f03), levam diretamente à sede, que fica situada numa pequena elevação e de cuja varanda, se tem uma vista ampla de toda a frente do terreno.



01



02



03

Do lado esquerdo de quem entra, antes da sede, há uma pequena edícula que abriga um ratório (f04 e f05) e, a seguir, uma piscina (f06 e 07), levemente elevada, revestida por azulejos franceses. Do lado direito da aleia de palmeiras, avista-se, no meio de um arvoredo, uma pequena e antiga construção (f08), outrora um chiqueiro, que, depois de reformada, foi transformada numa sauna. Também na parte anterior da sede, junto ao lado esquerdo da entrada, existem dois poços d'água, com profundidade em torno de 100 m.



04



05



06



07



08

Do lado direito do caminho de entrada da fazenda, próximo às instalações do hotel, há uma casa de hóspedes, também uma construção mais antiga (f09), de frente para um pátio gramado, em torno do qual estão alguns dos novos pavilhões construídos para abrigar as suítes (f10). Outro conjunto de suítes (f11) desenvolve-se ao redor do pátio lateral da casa-sede, no centro do qual há um chafariz em cimento armado.

Do lado esquerdo da sede, em um plano mais elevado, estão duas outras casas (f12) também para fins de hospedagem. Bem atrás da casa principal, ainda mais acima, há outra edificação com cobertura em duas águas e acesso através de uma longa escadaria. Antes, este espaço era utilizado como escritório e sala de reuniões, quando ainda funcionava o hotel-fazenda, e agora, servindo como salão de apoio aos eventos (f13). A habitação dos caseiros e serviçais fica afastada do conjunto destinado aos hóspedes, mais para o interior do sítio.

As encostas dos morros que cercam a propriedade, tanto atrás da sede, quanto nas laterais, de declividade suave, mostram-se bastante preservadas (ver f01 e f07 e f14). No entanto, nas proximidades da sede e das construções, há grandes áreas em chão batido, sem vegetação nativa ou jardins.



09



10



11



12



13



14

O núcleo original da fazenda data de 1865 e foi construído por Domingos de Souza Leite, o então proprietário, pai do barão de Águas Claras. Dos edifícios históricos restam hoje apenas a casa principal, o antigo chiqueiro – transformado em sauna – e a casa de hóspedes, do lado direito da sede.

Durante a década de 1980, a fazenda sofreu uma grande reforma. Acrescentou-se o pavilhão correspondente ao salão de festas, criando um pátio interno, substituíram as telhas coloniais da cobertura por novas. Não se sabe, porém, se o forro do beiral, em madeira, imitando acabamento em massa (f15), data dessa reforma, ou se é anterior. É também desta época a construção da varanda frontal atualmente existente, cujo telhado em uma água nasce por baixo do beiral principal da sede.

Alguns anos depois dessas reformas construíram os pavilhões de apartamentos – cerca de 30 unidades – que possibilitaram a utilização da propriedade como hotel-fazenda. Nessa ocasião, também se procedeu ao aterramento do porão.

A sede original da Fazenda Pinheiros era uma construção térrea com telhado de seis águas, e planta em “L”, com porão baixo, atualmente aterrado. O patamar onde está a casa é alcançado por uma escadaria larga de seis degraus em laje de pedra, chegando a uma calçada que se estende ao longo da fachada principal e da fachada lateral esquerda. A partir daí, chega-se, através de outro lance de escada, este em pedra, a uma varanda coberta, no centro da fachada principal. A varanda (f16 e f17) tem dois vãos em arco abatido na frente. Um é totalmente aberto, correspondendo à entrada, e o outro é fechado por uma mureta baixa. Assemelha-se a este os vãos laterais dessa varanda, porém, de menores dimensões (f18 e f19).

Dos dois lados da fachada frontal do edifício-sede, terminada a varanda, há duas janelas em verga reta, com cercadura em madeira e vedação por esquadrias externas em venezianas e internas em guilhotinas de vidro. Ao lado da porta dupla de entrada, tem-se, à direita, uma janela, e à esquerda, outras três, também em verga reta, todas com esquadrias em vidro e veneziana.



15



16



17



18



19

A entrada na sede se dá através de uma grande sala de estar (f20 à f23). No primeiro ambiente, há uma lareira, e, através de um largo corredor, se acessa duas suítes e dois quartos. O segundo ambiente comunica-se, através de um pano de vidro, ao pátio central, e dá acesso a uma galeria (f24), através da qual são distribuídos mais uma suíte e dois quartos. Ao final dessa galeria há ainda uma cozinha e uma porta dupla alta, marcando o final da parte “íntima” da casa. Contígua à cozinha, há também uma pequena copa, um banheiro e um bar, abertos para o pátio central através de uma galeria em arcos (f25 e f26). Ao lado do bar, há uma garagem, aberta para fora do prédio por uma porta-janela de duas folhas com acesso em rampa, que possivelmente teria sido utilizada para guardar carruagens (f27), espaço que hoje está adaptado para uma cinemateca.



20



21



22



23



24



25

A seguir da garagem, há dois cômodos, hoje sem nenhuma utilização especial, com um telhado de uma água, que parece ter sido construído depois do núcleo original da casa, provavelmente quando se fez as galerias com os salões de festa. Os dois cômodos comunicam-se com o exterior através de portas que, juntas, dão a impressão de serem uma só porta dupla, com acabamento em arco.

O anexo a essa construção, também térreo, tem o formato de “L” - com telhado em duas águas, tendo numa “perna” o frechal mais baixo que a outra (ver f25) – constituindo um pátio interno a partir da conjugação com o primeiro. Aí ficam os salões de festa. Um deles tem, em toda sua extensão, janelas de guilhotina em caixilhos de vidro (f28).

No encontro das galerias dos salões de festa, estão a cozinha industrial e uma adega. Em um dos cantos do pátio central há uma piscina, em formato de “ameba” (f29). Sobre uma espécie de palco cimentado há a estrutura de uma cobertura provisória em duas águas usada para as festas.

Na fachada lateral direita da casa-sede há um contínuo de oito janelas iguais vedadas por esquadrias em veneziana e vidro (f30 e f31), seguidas de uma porta, que conduz ao bar e ao pátio interno, e do acesso da garagem e das dependências de serviço.



26



27



28



29



30



31

Na lateral esquerda, a fachada é pequena (f32), apresentando um basculante em ferro do banheiro no centro e, ladeando-o, as janelas de cada um dos quartos contíguos a este.

A casa de hóspedes (f33), provavelmente, uma antiga casa de colono, mantém paredes em pau a pique, tendo, na frente, uma varanda coberta, inclusa no telhado de duas águas, que é sustentado por três troncos de madeira rústica, sobre os quais se apoia uma viga também de madeira. Na típica fachada por trás da varanda, está a porta de entrada, com duas folhas, e uma janela, com fechamento por uma folha de madeira. A fachada lateral tem duas janelas simétricas em relação à cumeeira, conferindo uma harmonia à empena, quando aliada à vista lateral da varanda. A cobertura é em telhas francesas e a planta possui um grande salão, para o qual dão, diretamente, um quarto e um banheiro. No centro do salão, há mais um tronco de sustentação do vigamento do telhado. (f34 à f37)



32



33



34



35



36



37

A casa-sede ainda mantém as paredes de pau a pique e o assoalho original (f38), em tábua corrida com junta seca.

Na aleia de acesso à sede, as atuais palmeiras imperiais substituíram os pinheiros originais, que teriam dado o nome à fazenda.

O estado de conservação da sede não é bom (f39 à f46). Está praticamente abandonada há uns dez anos, desde que deixou de funcionar como hotel-fazenda. Apenas os cômodos atualmente usados para os eventos são mantidos em bom estado. O mobiliário está mau cuidado e decadente, e não existem peças de época.



38



39



40



41



42



43



44

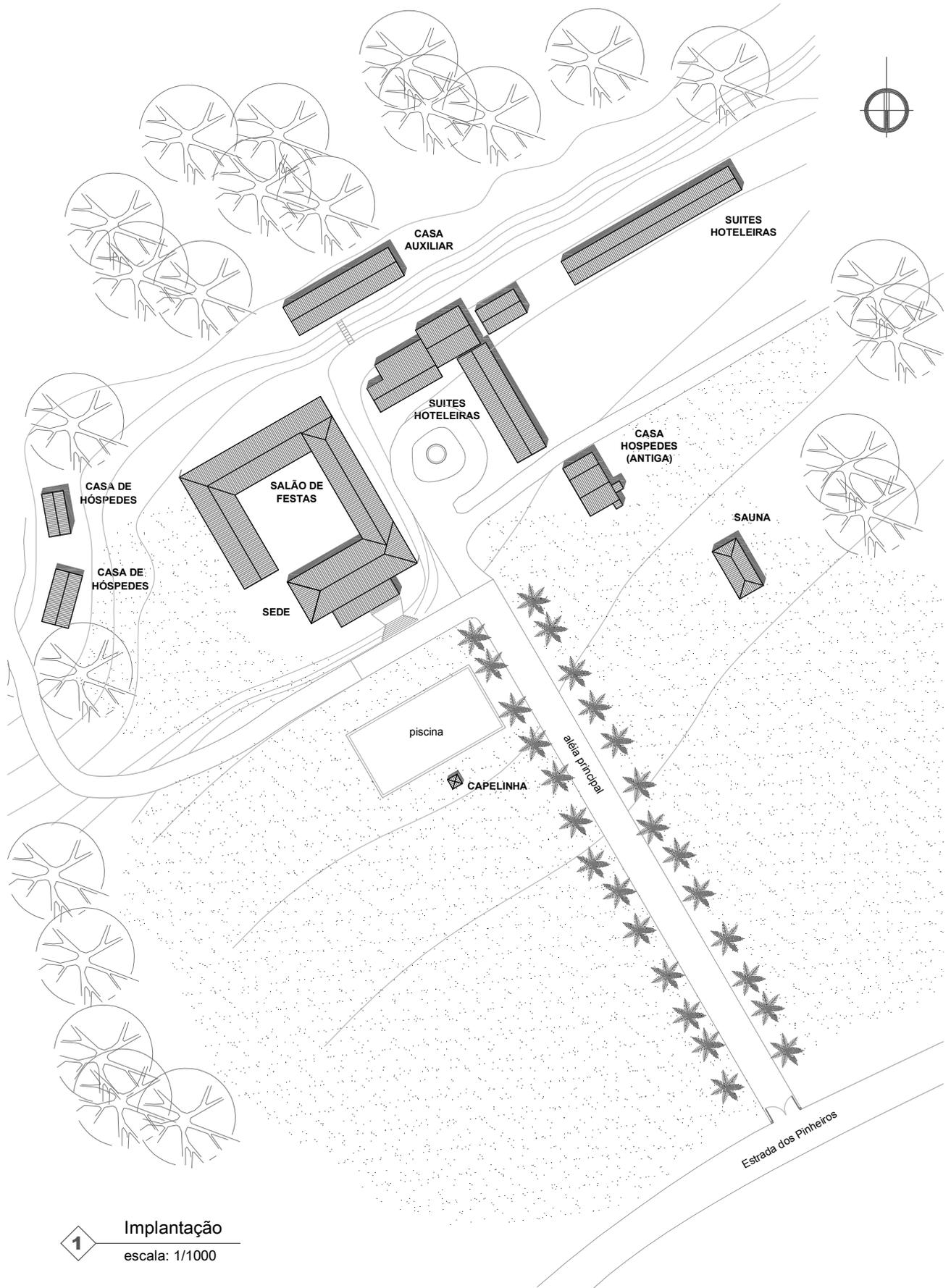


45



46

FAZENDA PINHEIROS



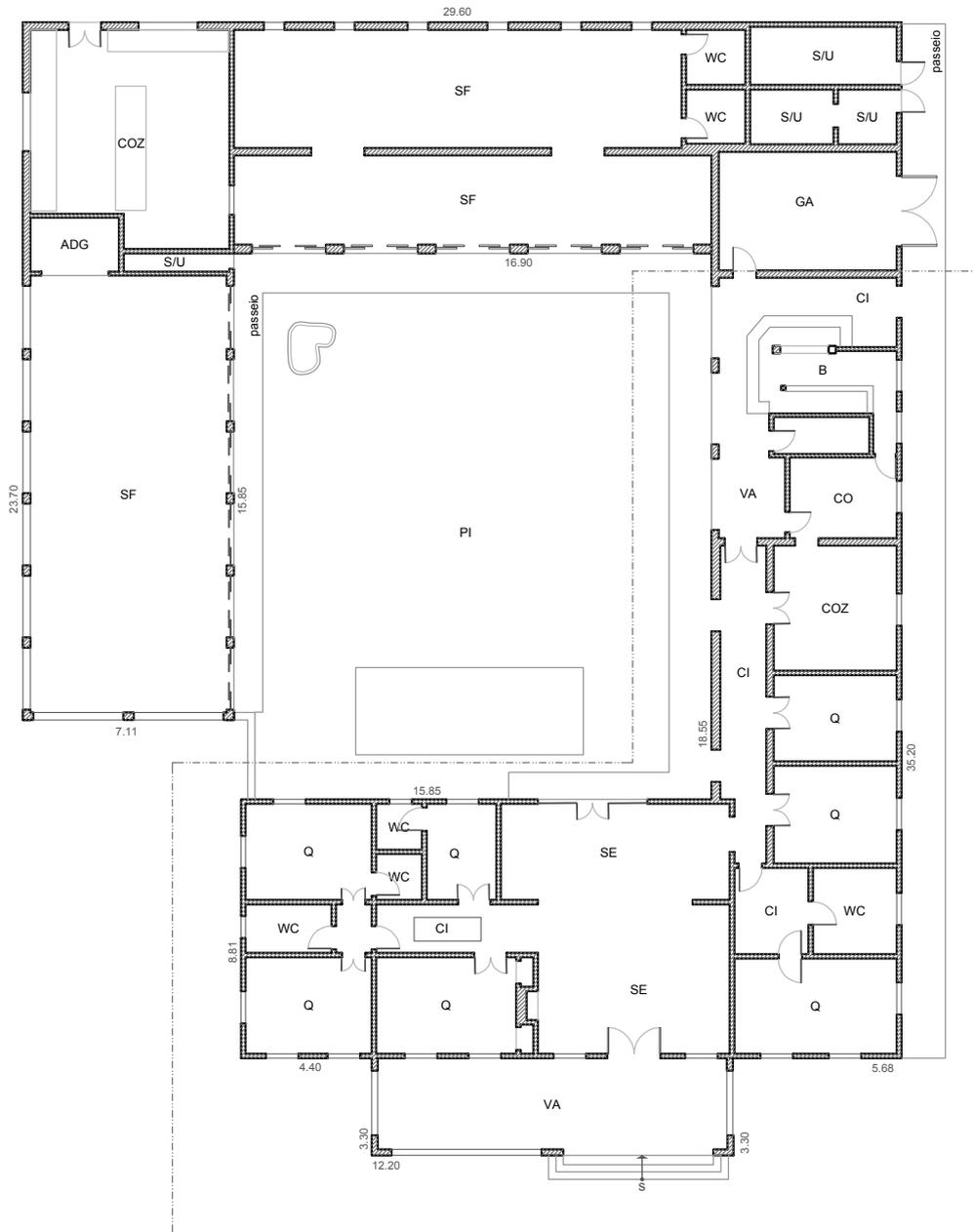
1 Implantação
escala: 1/1000

0 5 10 40

FAZENDA PINHEIROS

Observações:

1. A área demarcada refere-se ao volume original da construção. O restante da edificação é acréscimo moderno.



1

Planta Baixa da Sede

escala: 1/250



ADG - adega	CI - circulação	COZ - cozinha	PI - pátio interno	SE - sala de estar	S/U - sem utilização	WC - banheiro	alvenaria existente
B - bar	CO - copa	GA - garagem	Q - quarto	SF - salão de festas	VA - varanda	alvenaria demolida	

A história da Fazenda Pinheiros se mistura com a história dos primeiros desbravadores dos Sertões do Rio Preto, no século XIX. O povoamento da região se fez, basicamente, em função de sua proximidade com os caminhos para as Minas Gerais e com o mercado consumidor da então capital, a cidade do Rio de Janeiro. Muitas das suas estradas serviram de vias de escoamento da produção das fazendas originárias das antigas sesmarias. E outras serviram como desvios para os carregamentos de ouro que não queriam passar pelos registros.

Com a queda da mineração, aumentou o número de sesmarias doadas na região. D. João VI distribuiu sesmarias e incentivou o plantio de café, que veio a se constituir na nova riqueza nacional, apoiada na mão de obra escrava, com o surgimento das grandes fazendas e dos barões do café. Em São José, podemos citar como exemplos dessa nobreza latifundiária os barões de Águas Claras e de Bemposta.

Os primeiros povoados da região do Rio Preto foram constituídos pelas famílias mineiras que, com a decadência da mineração, atravessavam o Paraíba em busca de novas terras para a agricultura. Também vieram os cafeicultores, trazendo a experiência do plantio realizado em outras regiões da província. Completaria este quadro a presença de colonos portugueses e, a seguir, de italianos.

A Fazenda Pinheiros foi instalada na sesmaria concedida a João de Souza Furtado, que foi requerida à Vila de Magé, no ano de 1803, medindo meia-légua de testada por meia-légua de fundos, entre as terras do capitão Manoel Rodrigues de Araújo e as de Manoel Fernandes Pertenço (Bemposta).

No ano de 1823, o sesmeiro João de Souza Furtado vendeu as terras ao padre Luiz Gonçalves Dias Corrêa que, em 1843, as vendeu ao comendador Guilherme Francisco Rodrigues Franco, que as passou para seu genro, Domingos de Souza Leite.

Domingos juntou essas terras à sua Fazenda Águas Claras, assim como à Fazenda do Ribeirão, que adquiriu na mesma época. Em 1865, ele desmembrou dessas terras a área da atual Fazenda Pinheiros, onde seu filho, Guilherme de Souza Leite (depois barão de Águas Claras), construiria a sede.

Guilherme era formado em Engenharia e atuou significativamente na política local, sendo vereador junto à Câmara Municipal de Sapucaia. O barão era casado com sua prima, Josephina Araújo Franco, e a ele foi atribuída a hospedagem, durante um mês inteiro, na Fazenda Águas Claras, do imperador e seus familiares. Data dessa época (1877) a instalação, naquela fazenda, do primeiro telefone no Brasil, inventado havia apenas um ano por Graham Bell. Só dois anos depois, D. Pedro II autorizaria o funcionamento da primeira empresa de telefonia no país.

Em 1879, D. Mariana Guilhermina Souza Leite, já viúva de Domingos de Souza Leite, vendeu a Fazenda Pinheiros a Guilherme Augusto Araújo Franco, sogro do barão de Águas Claras, que a vendeu, em 1884, ao capitão Luis Vieira Machado, já possuindo casa de colonos, enfermaria, senzala, cafezal, engenho de cana e café e paiol.

Em 1896, o barão de Águas Claras compra novamente a Fazenda Pinheiros, com todas as suas benfeitorias. A partir de 1910, a fazenda teve vários desmembramentos, tendo sido apartados os sítios Torrão de Ouro, Chacrinha e Alto dos Pinheiros, entre outros.

Em 1930, a Fazenda Pinheiros tornou a ser vendida pelo filho do barão, Aroldo de Souza Leite, a Manoel Teixeira da Silva.

Em 1945, a fazenda foi vendida a Américo Pacheco de Carvalho. Nesse período, várias vezes nela se hospedou o ex-presidente da República, dr. João Café Filho. Em 1954, Américo Pacheco de Carvalho vendeu a fazenda a Haroldo Jappert.

Em 1957, a fazenda foi comprada por Péricles Ribeiro Baptista Leite e dada de presente a sua filha, Maria Cláudia Ladeira Leite Ferraz. Péricles, que era sócio do Grupo Severiano Ribeiro, fez a compra após vender um sítio de sua propriedade na Barra da Tijuca. Foi ele quem trouxe os primeiros óculos 3D para o Brasil, como conta seu neto Cláudio Ferraz.

Maria Cláudia empreendeu uma grande reforma do edifício-sede da fazenda, construiu em torno de 30 novos apartamentos e, durante a década de 1980, transformou a fazenda em hotel. Segundo depoimento de seu filho Cláudio, o Hotel-Fazenda Pinheiros chegou a ser considerado o segundo maior do Brasil na hospedagem de estrangeiros. Esses, porém, preferiam se alojar na sede antiga, ficando as novas instalações para abrigar os hóspedes do turismo interno.

Além de explorar a vocação turística do local, a atual proprietária também dedicou a fazenda à criação de rosas, à fabricação de doces e à criação de frangos, além de ter implementado ali um ateliê de artesanato, com atividades de tapeçaria, entre outras.

Há cerca de dez anos atrás, porém, a fazenda deixou de funcionar como hotel. Atualmente, é alugada para eventos religiosos e particulares, sem outra atividade produtiva de significado.

